

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA JOSÉ DA SILVA PIRES

**Preconceito Racial: implicações no processo ensino
aprendizagem da criança**

**CAJAZEIRAS – PB
2014**

MARIA JOSÉ DA SILVA PIRES

**Preconceito Racial: implicações no processo ensino
aprendizagem da criança**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores - Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Risomar Alves dos Santos

**CAJAZEIRAS – PB
2014**



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

P667p Pires, Maria José da Silva

Preconceito racial: implicações no processo ensino aprendizagem da criança. / Maria José da Silva Pires Cajazeiras, 2014.

34f.

Bibliografia.

Orientador(a): Risomar Alves dos Santos.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Preconceito racial. 2. Discriminação. 3. Formação do educador. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Santos, Risomar Alves dos. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –316.482.5



MARIA JOSÉ DA SILVA PIRES

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF.^ªDRA. RISOMAR ALVES DOS SANTOS
(PRESIDENTA DA BANCA/UFMG-CFP-UAE)

PROF.^ª BELIJANE MARQUES FEITOSA
(EXAMINADORA/UFMG-CFP-UAE)

PROF.^ª EDINAURA ALMEIDA DE ARAÚJO
(EXAMINADORA/UFMG-CFP-UAE)

PROF.^ª ANE CRISTINE H. CUNHA
(EXAMINADORA - SUPLENTE/UFMG-CFP-UAE)

Dedico este trabalho a minha Mãe Albaniza Pereira e ao meu filho Yago Henrique, os quais são pessoas essenciais na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pela força e coragem que me destes para conseguir concluir meu trabalho com êxito.

A minha família pelo apoio e incentivo, em especial a minha mãe Albaniza Pereira, a qual é minha mestra e protetora, que sempre me incentivou, dando apoio e aconselhando-me em minhas decisões. Ao meu pai José Osmar, pela contribuição que também me destes. Aos meus irmãos Luis Eduardo e Ana Nery, e ao meu esposo João Henrique que de modo muito significativo sempre me ajudou a enfrentar as batalhas, ficando até altas horas da madrugada acordado esperando que eu terminasse atividades acadêmicas.

A todos os professores com os quais tive o imenso prazer de construir conhecimentos, e de certa forma, me auxiliaram na construção e no desenvolvimento de novos pensamentos durante o curso. Agradeço a todos, em especial a minha professora orientadora Risomar Santos, a qual contribuiu de forma muito significativa com seus ensinamentos, e conhecimentos acadêmicos. E também as professoras Belijane Marques, Edinaura Almeida e Ane Cristine, por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho.

As professoras entrevistadas, que aceitaram participar da pesquisa, dando uma contribuição relevante para a construção deste trabalho.

As minhas amigas do curso, que durante todo esse período me deram o imenso prazer de desfrutar da amizade de cada uma.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indiretamente, para a construção e realização deste trabalho, e conseqüentemente do meu sucesso.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho monográfico intitulado preconceito racial: implicações no processo de ensino aprendizagem da criança enfatiza a questão do preconceito racial existente em sala de aula e buscou identificar o interesse de professoras em trabalhar com a temática racial, bem como analisar como lidam com situações que envolvem o preconceito racial em sala de aula. Discorreu também algumas considerações com relação à implementação da Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.349/96 e assim tornou obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos da Educação Básica brasileira. A metodologia se pautou na pesquisa qualitativa e a coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário junto às professoras entrevistadas. No referencial teórico utilizamos autores como: SOUSA (1983), CAVALLEIRO (2001, 2004, 2007), LOPES, (2007), LIMA (2005), dentre outros. Com os resultados dessa pesquisa, ficou notória a necessidade de qualificação profissional para as educadoras entrevistadas com relação ao trabalhar com a temática, apesar de algumas terem consciência da necessidade e relevância desse trabalho em sala de aula e realizarem algumas práticas que já a contemplem.. Sendo assim, é considerado importante valorizar o empenho do educador para superar possíveis obstáculos que surgirão no decorrer do processo de ensino aprendizagem, processo esse que é de suma importância para a formação do ser.

Palavras- chave: Preconceito Racial. Discriminação. Formação do Educador. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work monographic titled racial prejudice: implications in the process of teaching and learning of the child emphasizes the issue of racial prejudice existing in the classroom and sought to identify the interest of teachers in working with racial thematic, and analyze how they deal with situations that involve racial prejudice in the classroom. Also discoursed some considerations in relation the implementation of Law n° 10.639/03, which amended Law of Directives and Bases of National Education n ° 9.349/96 and thus became mandatory the Teaching of History and African and Afro-Brazilian Culture in the curriculum of Brazilian Basic Education. The methodology was based on qualitative research and the data collection occurred through the application of a questionnaire with the teachers interviewees. In the theoretical reference we use as authors: SOUSA (1983), CAVALLEIRO (2001, 2004, 2007), LOPES, (2007), LIMA (2005), among others. With the results of this research, it became notorious the need for professional qualification for educators interviewed for to work this thematic, despite some have conscience of the need and relevance of this work in the classroom and perform some practices that already contemplate. Therefore, it is considered of great value, valorize the effort of educators to overcome possible obstacles that will arise during the teaching-learning process, a process that is of paramount importance for the formation of the being.

Key-words: Racial Prejudice. Discrimination. Educator training. Teaching . Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA CRIANÇA	12
1.1 O Preconceito Racial no Âmbito Escolar e o Conhecimento dos Profissionais.....	
1.2 A Ausência da Diversidade Cultural nos Currículos Escolares.....	15
2. CONCEPÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS REFERENTE AO PRECONCEITO RACIAL	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	
Apêndice A	35
Apêndice B	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado: “Preconceito racial: implicações no processo ensino aprendizagem da criança, diz respeito a uma pesquisa que buscou identificar o interesse de professoras em trabalhar com a temática racial e analisar como lidam com situações que envolvem o preconceito¹ racial em sala de aula.

O interesse em pesquisar a existência do preconceito racial no âmbito escolar, surgiu inicialmente através de discussões em sala de aula na disciplina Educação, cultura e diversidade componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia do CFP; mas a ideia só concretizou-se a partir da realização do Estágio Supervisionado I, quando vivenciamos fatos lamentáveis de discriminação e preconceito racial em sala de aula.

É lamentável que nos dias atuais ainda existam professores preconceituosos, mesmo com tantas transformações ocorridas até então e com a implementação da Lei nº 10.639/2003, a qual torna obrigatória a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira em toda instituição escolar da Educação Básica, mesmo assim, professores ainda não buscam se especializarem para trabalhar a temática e os que tentam, em sua maioria a abordam de forma sucinta, sem dá ênfase ao assunto.

Todo ser humano tem características próprias e sua relevância, mas o negro muitas vezes é visto com um olhar diferente, fazendo com que sofra com estereótipos², ou seja, muitos criam uma imagem negativa desse grupo étnico sem ao menos conhecê-lo, somente com base em seu próprio julgamento, ou melhor, com preconceito.

¹Preconceito: Um comportamento por meio do qual uma pessoa ou um grupo de pessoa manifesta uma ideia preconcebida. (LOPES, 2007, 12)

²Esteriótipos: É uma espécie e fotografia que nossa imaginação faz. É uma ideia preconceituosa, uma suposição, que se cria, de um grupo de pessoas a partir de um ou mais indivíduos daquele grupo. (LOPES, 2007, p.14)

Assim surge o racismo³ quando muitas pessoas de uma raça vão se achando superior e melhor do que pessoas de outra raça, e acabam fazendo com que estes se sintam rejeitados e inferiores aos outros. E muitas vezes por ser excluído pelo branco, o negro tenta adentrar a sua cultura, com o intuito de ser reconhecido.

Assim, buscamos abordar com essa pesquisa a relevância da formação do professor para trabalhar tal temática em sala de aula, tendo uma fundamentação teórica relacionada, pois é de suma importância o entendimento e a formação do professor para abordar conteúdos que contemplem a diversidade racial existente em sala de aula, fazendo com que um grupo conheça a realidade do outro, proporcionando a troca de conhecimentos, culturas e valores entre os mesmos.

Considerando o preconceito racial algo frequente no cotidiano das pessoas, e dificultoso para um educador trabalhar em seu dia-a-dia, entendemos que é importante analisar como o professor trabalha a diversidade racial em sala de aula e como ele reage em situações conflituosas de preconceitos.

Para responder a essas inquietações, a metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa, tendo como objetivo identificar com a coleta de dados se atitudes utilizadas pelas professoras em sala de aula contribui para amenizar praticas preconceituosas no ambiente escolar. Nesse sentido, afirma OLIVEIRA, (p. 205, 2008).

Produzir uma pesquisa qualitativa exige do então pesquisador uma adoção e um processo de reflexão de análise da realidade, isto é através da utilização de métodos e técnicas que será possível uma compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico segundo sua estruturação.

Através das respostas proporcionadas, busquei desenvolver um trabalho reflexivo para tratar a realidade escolar através das respostas proporcionadas pelas professoras entrevistadas.

³Racismo: É uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu para mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. (LOPES, 2007, p.19)

A presente pesquisa foi realizada em cinco Escolas da Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Aparecida – PB, tendo como sujeitos participantes cinco professoras com as quais buscamos compreender quais suas reações e atitudes quando deparadas com situações conflituosas de preconceito ou de discriminação⁴ em sala de aula. Todas as professoras participantes são do sexo feminino e com formação acadêmica em Pedagogia.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionários conforme colocadas em anexos.

A análise do material coletado foi realizada com base na teoria estudada, com a expectativa de chegar a possíveis compreensões de porque práticas inferiorizadoras de crianças negras ainda são tão frequentes em escolas brasileiras, destacando as falas mais significativas das pesquisadas.

Enfim, o presente trabalho está composto por uma introdução, um capítulo teórico intitulado: Preconceito racial: implicações no processo de ensino aprendizagem da criança, o qual aborda conceitos teóricos sobre a questão étnico-racial. Um segundo capítulo de análise intitulado: Concepções e contribuições das professoras sobre o preconceito racial. Nesse, estão analisadas as contribuições das professoras pesquisadas referente ao preconceito racial, fazendo relação das falas de cada uma com as teorias estudadas e por último estão as considerações.

1. IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Esse capítulo apresenta uma fundamentação teórica a respeito do preconceito racial existente no país em que vivemos, direcionando-o para o âmbito educacional como contribuição para conhecimentos dos educadores que lecionam, discorrem também algumas considerações relacionadas à implementação da Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.349/96 e tornou obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos da Educação Básica brasileira.

⁴Discriminação: É uma forma de tratamento desigual. (LOPES, 2007, p.15)

Mesmo em um mundo globalizado no qual vivemos, é notória a discriminação racial existente entre as pessoas, principalmente com os negros, os quais estão em constante situação de violência, e muitas são as dificuldades que enfrentam no seu dia-a-dia para inserir-se no contexto sócio-econômico-cultural. Sabemos que o preconceito é algo que fica marcado em qualquer ser humano, e com isso, muitas pessoas tentam isolarem-se das demais com o intuito da autodefesa.

O Preconceito Racial é algo tão forte e tenebroso que acaba gerando desigualdades entre as pessoas, principalmente entre a negra e a branca. Muitas vezes, o negro por se sentir tão rejeitado e inferior ao branco acaba fazendo de tudo para ficar parecido com ele, na tentativa de ser aceito, e assim se inserir na cultura do outro. Como aborda a autora SOUSA (1983, p.07):

Os esforços para curar a “ferida” vão então suceder-se numa escala patética e dolorosamente inútil. Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente, atual, de modo penoso e caricato. São os “pregadores de roupa” destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos usados para alisar o “cabelo ruim”.

Contudo, é pura ilusão pensar que alguém vai ser igual a outro, fazendo a mesma coisa que o outro faz. É bom sempre lembrarmos que nós seres humanos, temos características próprias, características essas que nos diferenciam das demais pessoas, tornando-nos assim pessoas únicas. Então, cabe a cada um valorizar-se e expor sua cultura e sua diversidade.

A violência racista é algo ainda tão frequente no cotidiano brasileiro, que acarreta à desvalorização da capacidade intelectual do ser, pois o negro sente-se limitado em seu pensamento, sem ter a oportunidade de expor seus conhecimentos e valores. Nesse sentido, SOUSA (1983, p.10) complementa:

O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade.

De tanto se sentir inferior ao branco, o negro achava que o mesmo tinha poder sobre ele, para dar ordens e ele obedecer, mas com o passar do tempo e as lutas vivenciadas pelos movimentos negros, as quais foram muitas, em busca de direitos e reconhecimento, o negro passou a ocupar um lugar mais digno na sociedade, onde começa a ser reconhecido e a partir daí, visto como qualquer outro ser. No entanto, ainda existem pessoas preconceituosas e racistas, que tentam desprezar a presença marcante do negro, e outras que não fazem o mínimo esforço em reconhecê-lo como ser de direito.

É relevante que o negro seja um ser ativo, posicionando-se em determinadas situações, demonstrando seus conhecimentos e habilidades, para que assim todos reconheçam suas potencialidades e, a partir de então, possam vê-lo como ser produtivo e capaz de avançar em todos os aspectos da vida social da qual foram excluídos.

1.1 O Preconceito Racial no Âmbito Escolar e o Conhecimento dos Profissionais

É importante que todos os membros de uma instituição educacional estejam preparados para lidar com qualquer situação indesejada de preconceito racial, pois esse fato é frequentemente percebido no dia-a-dia escolar prejudicando gravemente crianças e adolescentes. Todavia, o despreparo dessas pessoas para lidar com tal situação, acarreta vários elementos negativos para a formação e desenvolvimento do educando.

Os livros didáticos ainda trazem poucas gravuras de pessoas negras, e quando trazem passam uma imagem negativa e pejorativa desse grupo, expondo-os como se fossem pessoas sem valores e em situações de inferioridade, enquanto coloca gravuras de pessoas brancas assumindo altos cargos no mercado de trabalho. Desse modo, cabe ao educador trabalhar essa questão em sala de aula, buscando desconstruir tais estereótipos. Todavia, apesar de tantas informações já disponibilizadas sobre o tema em questão, vimos que ainda existem professores alheios e despreparados para enfatizarem a relevância da diversidade cultural e racial dos alunos.

É lamentável a existência de professores preconceituosos, mais é a pura realidade, pois há vários educadores que tem mais facilidade de se aproximar e trocar carinhos com crianças brancas do que com crianças negras. Provavelmente, um educador que age dessa maneira não tem conhecimento adequado para lecionar em uma sala de aula. Por isso é relevante que o professor esteja em constante formação, buscando sempre novos conhecimentos, e aprimorando ainda mais os que já possuem. Assim, CAVALLEIRO (2007, p.72) enfatiza:

A familiaridade com a dinâmica da escola permite perceber a existência de um tratamento diferenciado e mais afetivo dirigido às crianças brancas. Isso é bastante perceptível quando analisado o comportamento não verbal que ocorre nas interações professor/aluno branco. Nelas é natural o contato físico, acompanhado de beijos, de abraços e de toques.

A escola deve apresentar para a criança negra um espaço em que ela se sinta inserida, para que possa ter aceitação de si, como indivíduo negro ou não, com auto reconhecimento de suas potencialidades, permitindo também o desejo de sonhar com um futuro mais promissor. No entanto, o que se observa é que muitas vezes o silêncio da escola prejudica o desenvolvimento da criança negra, deixando-a também limitada em suas realizações.

Assim sendo, é importante que todas as pessoas de uma instituição escolar convivam promovendo o respeito mútuo e reconhecendo as diferenças existentes no seu interior, pois é através do reconhecimento dessas diferenças que se constroem novos conhecimentos.

Abordar a diversidade cultural no âmbito educacional é algo relevante, principalmente, quando se trabalha na perspectiva da eliminação da discriminação racial, com ampliação e troca de conhecimentos entre a criança negra e não negra, possibilitando novas formas de convivência. Nesse sentido, CAVALLEIRO (2001, p.106) diz:

A discriminação racial não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não-negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo.

Sendo assim, ao trabalhar as causas do preconceito racial, o educador deve enfatizar a questão embasada de um bom suporte teórico, para que se por acaso surgir conflitos, ou questões problemáticas no decorrer da aula, ele possa dar explicações consistentes que satisfaçam a todos, esclarecendo possíveis equívocos.

1.2 A ausência da Diversidade Cultural nos Currículos Escolares

É notório que mesmo com a implementação da Lei 10.639/03, ainda existem escolas que não trabalham a temática da diversidade cultural. Esta Lei implementada pelo Conselho Nacional de Educação no ano de 2003 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Africana e Afrobrasileira no currículo da Educação Básica de todo país. No entanto, o que frequentemente vemos é o despreparo dos profissionais da maioria das instituições escolares para trabalhar tal temática.

A ausência de uma boa formação do educador prejudica as crianças, pois estas perdem de ter acesso a conhecimentos que provem a importância dos vários grupos populacionais para a formação do Brasil. Desta forma, mesmo com os 10 anos de existência da Lei já mencionada, sabemos que somos surpreendidos cotidianamente, com desconhecimentos e, conseqüentemente, com fatos de discriminação da população negra estudantil.

Assim, fica posto a urgente desmistificação da imagem do indivíduo branco como referência, pois o negro também tem suas potencialidades. No entanto, para aprimorar cada vez mais os conhecimentos do educador, seria necessário e relevante que durante os planejamentos e reuniões entre os membros da escola, fossem promovidos estudos, palestras e discussões a cerca da diversidade racial, favorecendo assim uma reflexão consistente para cada um. Nesse sentido, CAVALLEIRO (2001, p. 121) enfatiza:

A ausência de uma reflexão sobre a temática racial no planejamento escolar pode contribuir para que inúmeras crianças e adolescentes, negros e brancos, cristalizem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento crítico dos adultos à sua volta, o que dificulta e até mesmo impede a promoção de boas relações entre os elementos que integram o cotidiano da escola e, deste, para o espaço social mais amplo. Isso deve ser encarado como uma contribuição da educação formal para a permanência das desigualdades sociais.

Todavia, espera-se que todos os membros de uma instituição escolar procurem aprimorar seus conhecimentos sobre a temática em estudo, pois todos devem estar preparados para trabalhar com a diversidade racial dos alunos, pertencentes aos diferentes grupos raciais presentes nas salas de aula, para que assim aconteça uma relação satisfatória e igualitária entre esses grupos, uma vez que a escola não pode se omitir de trabalhar com a diversidade existente no seu contexto.

A Lei 10.639/03 juntamente com as Diretrizes Curriculares Nacionais, propõe para os educadores ter conhecimento sobre as relações étnico-raciais existente em todo país. Assim sendo, cabe a cada educador conhecer a Lei mencionada e buscar se apropriar da a diversidade existente na sociedade para trabalhar de maneira satisfatória com seus educandos, fazendo com que nenhum se sinta rejeitado em sala de aula.

Trabalhar com essa temática sabe-se que não é fácil, e que nenhum educador irá abolir o preconceito existente, mas é importante que cada um contribua para amenizá-lo, abordando os avanços que já se teve em relação à questão étnico-racial, as lutas e as conquistas vivenciadas pelos negros e assim, a partir de reflexões, possam buscar conscientizar todos que agiram e ainda agem de maneira preconceituosa.

Pela Lei 10.639/03 é obrigatório estudar sobre a cultura e a história africana e afrobrasileira tanto nas instituições públicas quanto nas privadas (PCNs, 2004). Nesse sentido, percebe-se a relevância que se tem a partir disso, ao reconhecer que o racismo deve ser algo abolido do país, pois o mesmo não traz nenhum benefício para a população e sim constrangimentos, ou seja, coisa desagradável. Entretanto, para efetivar tal conceito é necessário ainda haver muitas conquistas.

Muitos foram os avanços que os negros obtiveram até então, mas ainda existe muito para conquistar. Nada que com luta não se consiga, pois desde o passado existe o enfrentamento aos pensamentos preconceituosos e ações discriminatórias, mas infelizmente, ainda prevalecem nos dias atuais. Assim, cabe a cada ser humano lutar para que juntos consigam viver de maneira respeitosa.

2. CONCEPÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS REFERENTE AO PRECONCEITO RACIAL

Nesse capítulo são analisadas concepções e contribuições das professoras pesquisadas com relação ao preconceito racial existente no âmbito educacional, e também como são suas práticas sem relação ao tema abordado, considerando suas respostas às perguntas que lhes foram feitas e interpretando-as com o auxílio da teoria estudada, conforme apresentadas na ordem alfabética a seguir.

a) Ao serem perguntadas sobre o que é preconceito racial?

Ficou notório nas respostas das professoras que todas sabiam defini-lo e tem consciência do que é preconceito racial, pois como elas abordam é algo consideravelmente desumano, além de o preconceituoso sentir-se superior ao outro, desprezando-o, tal situação causa danos a quem sofre o preconceito. Nei Lopes enfatiza que: “*A origem de todo racismo é, então o preconceito.*” (2007, p.13) Ou seja, você ter um pré-julgamento de pessoas sem ao menos conhecê-las, tirando conclusões precipitadas. Como aborda as seguintes professoras entrevistadas:

“Preconceito racial é uma atitude cruel, uma maneira estúpida de julgar uma pessoa pela cor de sua pele” (Professora A)

“É uma forma abusiva de não querer respeitar e aceitar as diferenças existentes entre as pessoas, cor, raça, etnia, etc.” (Professora E)

Ainda nessa perspectiva, Lopes (2007, p.20) deixa mais uma contribuição ao afirmar que:

O racismo, então, é antes de tudo a expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a um grupo. Como, por exemplo, quando diz: “eu não gosto desse índio porque todos os índios são preguiçosos!”.

Então, muitas pessoas já fazem assimilações sem conhecer o outro, só porque ouviu falar tal coisa sobre tal pessoa ou sobre seu grupo racial e isso faz com que a cada dia fique mais difícil ainda romper com o preconceito racial, que culmina em discriminações, como afirma uma entrevistada. *“Para mim preconceito racial é o mesmo que racismo ou discriminação em relação a um indivíduo considerado de outra cor” (Professora D).*

Com relação à fala acima é relevante observar que diferentemente do que a professora D abordou, a autora Gomes (2006, p.126) menciona

Existe distinção entre racismo e preconceito. Preconceito é toda idéia preconcebida (concebida a priori; que concluímos a respeito de algo ou alguém antes de conhecê-lo). Existem vários tipos de preconceito, entre eles o preconceito racial. [...] Já o racismo é uma ideologia, um conjunto de idéias que foi constituído ao longo da história a respeito de certos grupos (negros, índios, por exemplo) baseado em um repertório que julga que potencialidades intelectuais, comportamento moral e outras características são determinadas pelo biológico da pessoa.

Nesse sentido, é visível que a professora D ainda precisa aprimorar seus conhecimentos com relação aos conceitos tratados na pesquisa, para que possa fazer novas descobertas e enriquecer sua prática pedagógica, contribuindo mais com seus alunos ao trabalhar a questão étnico-racial, pois para a professora preconceito e racismo é a mesma coisa e Gomes (2006) relata que há uma distinção entre eles. Assim, é importante que ela busque novas leituras para fundamentar-se melhor, e conseqüentemente posicionar-se de maneira satisfatória.

b) Quando perguntadas se consideravam que ainda existia o preconceito racial?

As respostas das professoras entrevistadas condizem com a pura realidade que vivemos, pois mesmo com os avanços e com o espaço que o negro conquistou, é lamentável que ainda existam pessoas preconceituosas, pessoas que criam uma imagem do outro sem ao menos conhecê-lo, e não

buscam aceitar as diferenças existentes, mas infelizmente é a realidade. Como abordam as professoras:

“Existe sim. Apesar de algumas conquistas por parte do negro, ainda tem pessoas que cultivam esse sentimento vergonhoso.”
(Professora A)

“Infelizmente sim. Vivemos em uma sociedade muito preconceituosa, em que o respeito já não mais prevalece entre as pessoas”. (Professora D)

“Comparando há anos atrás, o preconceito racial nos dias atuais, vem diminuindo consideravelmente mas, ainda existe muitas pessoas de mentes fechadas que acabam agindo até mesmo, inconscientemente, de forma discriminatória e preconceituosa.” (Professora E)

E nesse sentido Lopes (2007, p.13) também ressalta:

O indivíduo racista parte de uma idealização de si mesmo para desvalorizar a pessoa ou grupo que nele considera inferior. Essa idealização resulta em uma impressão mental fixa, numa opinião preconcebida, derivada não de uma avaliação espontânea e sim de julgamentos repetidos rotineiramente. Aí, nesses julgamentos, o racista atribui, por suposição, características pessoais e de comportamentos invariáveis a todos os membros de determinado grupo de pessoas.

Sendo assim, o indivíduo racista sempre que possível irá menosprezar o outro achando-se superior a ele, e com isso muitas idealizações são criadas por parte do sujeito preconceituoso, o qual acaba mentalizando uma imagem do outro sem saber se é verdadeira, mas não busca romper com tal concepção.

- c) Ao serem perguntadas se já aconteceu alguma situação de preconceito em sua sala de aula e como reagiram.

Ficou explícito o conhecimento das professoras sobre o preconceito racial e a relevância da prática de cada educador trabalhar em cima de tal temática. Até mesmo a escola vira um grande alvo para que o preconceito aconteça.

Mas, nessas horas a prática do educador faz toda diferença e dependendo da maneira que ele trabalha, diferente será a reação dos educandos. Algumas professoras pesquisadas abordaram que trabalham da seguinte maneira:

“Sim. Reagi incluindo o aluno vítima do preconceito junto aos demais, lhe atribuindo tarefas a serem trabalhadas em grupos, criando situações favoráveis a um bom relacionamento entre os alunos, fazendo-os entender que somos todos iguais. (Professora A).

“Sim. Eu intervi e comecei a “dar uma lição” de moral, explicando o fato, no dia seguinte eu levei alguns documentários para eles assistirem.” (Professora C)

“Sim, é bem verdade, que já tenha acontecido uma situação que despertou o senso de preconceito, inclusive um dos alunos se queixou que não queria sentar perto do outro pelo simples motivo que era negro, então eu tentei agir com naturalidade e expliquei verbalmente que não somos iguais, que as diferenças existem para serem respeitadas e que tanto o branco como o negro têm os seus valores e o quanto seria chato viver num mundo repleto de clones.” (Professora E)

É notório que a prática dessas professoras para lidar com tal situação é bastante satisfatória, pois elas buscam uma boa interação envolvendo todos, e assim faz com que nenhum se sinta superior ao outro, levando-os a conscientizarem que o mundo é composto pela diversidade, e que todos os seres humanos que habitam têm seus valores. No entanto, o preconceito racial é bastante efetivo no dia-a-dia de todos, muitas vezes proporcionando situações desagradáveis.

Nessa mesma perspectiva, Itanil (1998, p. 119) aborda:

Pode-se mesmo afirmar que o preconceito faz parte do nosso comportamento cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos e palavras. A sala de aula não escapa disso. E trabalhar com essa questão, ou mesmo com a intolerância, não está dentre as tarefas mais fáceis do professor. Mas não são questões novas. Há muito as sociedades vem lutando para manter as escolas um pouco resguardadas dos conflitos decorrentes da intolerância entre diferentes grupos. Para poder trabalhar com essas questões, é preciso compreendê-las, saber como se manifestam e em que base são expressas, notadamente se levarmos em conta que elas não podem ser analisadas fora de seus contextos.

Contudo, o conhecimento do educador sobre o preconceito racial é fundamental para que ele trabalhe em sala de aula, com alguma situação indesejada ou não. É necessário que ele esteja capacitado e habilitado para enfrentar os diversos comportamentos ocasionados em sala de aula.

- d) Ao serem perguntadas se achavam que o desenvolvimento intelectual de um aluno estaria relacionado à sua cor de pele? Por quê?

As expectativas das professoras pesquisadas são importantes para reconhecermos que a cor da pele de qualquer pessoa é um detalhe não tendo importância quanto ao seu caráter e dignidade. Com isso, entende-se que o desenvolvimento intelectual de uma criança não envolve sua cor de pele, pois em âmbito educacional nos deparamos com a diversidade e cabe ao aluno a construção de seus próprios conhecimentos, em colaboração com os educadores. Nessa perspectiva, algumas professoras pesquisadas ressaltam:

“Não. Porque a cor da nossa pele não nos torna maior ou menor que alguém e nem mais ou menos inteligente. O desenvolvimento intelectual do aluno depende do seu esforço, de estímulo, incentivo e não da cor da pele.” (Professora A)

“Não. Seria bom que essa característica física ou psicológica fosse eximida do contexto social, principalmente quando envolvendo as classes estudantis.” (Professora B)

“De forma alguma, cada ser independentemente de cor ou até mesmo raça, apresenta as mesmas condições para desenvolver o processo de sua intelectualidade”. (Professora E)

E ainda nesse sentido, Lima (2005, p. 47) ressalta:

A escola é composta de pessoas com hábitos, costumes e opções diferentes e que imprimem nas suas produções de conhecimento esses elementos de identidade. Assim, o modo como a escola lida com essas características e o que ela pensa sobre o que é ser negro, mulher, homossexual, índio, trabalhadora doméstica, de candomblé, influencia e determina o tipo de conhecimento que ela produz.

Assim, é necessária a compreensão de todos os funcionários que compõem o âmbito escolar ao reconhecer que a escola é um ambiente em que a diversidade está presente e essa diversidade deve ser respeitada por todos.

- e) Quando perguntadas sobre qual é o papel do professor na formação dos alunos para evitar o preconceito racial em sala de aula?

Foram boas as propostas das professoras pesquisadas, pois sabemos que a sala de aula é um ambiente onde todos podem partilhar suas vivências, e a partir de diálogos novos conhecimentos irão surgindo. Um aprende com o outro e ambos aprendem juntos. Contudo, o desempenho do professor em exercer sua profissão é consideravelmente relevante para a construção da formação de cada educando, pois dependendo de como o professor trabalhe com os alunos sobre o preconceito racial, diferente são suas maneiras de reagir ao se deparar com essas ações. Conforme mencionam algumas professoras pesquisadas

“Tratar todos iguais, oferecer ao aluno interação com as diversas culturas existente ao longo da história, mostrando e elaborando caminhos que mostram que apesar das diferenças somos seres humanos iguais e que essa diferença faz com que o mundo seja cada vez melhor em conjunto, na interação da diversidade étnica e cultural” (Professora A)

“Devemos estar atentos às diferenças econômicas, sociais e raciais, e buscar o domínio de um saber crítico para que possamos ajudá-los.” (Professora C).

“O professor deve ser natural e procurar ser um mediador que promova situações de justiça, paz, respeito e união entre os alunos, tornando-os conscientes de seus deveres com relação ao próximo.” (Professora E)

Assim, Gomes (2006, p. 130) também contribui ao afirmar que:

A única forma de impedir que as pessoas continuem a ser discriminadas e fazer com que possam ocupar um lugar mais digno nesse país é garantindo seus direitos básicos. Garantindo que uma parcela dessa população tenha acesso a direitos como educação e ensino universitário, tendo, enfim, a oportunidade de provar também sua capacidade de realizar feitos até hoje só realizados por pessoas brancas (como

pertencer a certos grupos profissionais como médico, professor universitário, engenheiro etc.). Assim, a própria sociedade vai ter a oportunidade de comprovar que os negros são capazes de muitas realizações e têm capacidade e inteligência para muitas coisas que sempre se pensou que seriam incapazes de fazer.

Então, é importante que o professor trabalhe na perspectiva de que ninguém é superior a ninguém, e que todos tem suas especificidades, sabendo aproveitar as características de cada um.

f) Com relação à questão: você conhece a Lei 10.639/2003 e a 11.645/2008?

Ficou explícito que mesmo essas Leis estando em vigor há anos, pois uma é de 2003 e a outra de 2008, poucas professoras têm conhecimento sobre elas e as que têm, possui conhecimentos sucintos a respeito de apenas uma e nem mencionam a outra, conforme representado nas falas das pesquisadas

“Não conheço, mas vou procurar conhecer”. (Professora D)

“Sim. Constituem leis que penaliza as infrações contra a cor da pele.” (Professora B)

“Tenho um pouco mais de conhecimento a respeito da Lei 10.639/2003 que assegura direitos exclusivos aos descendentes afro-brasileiros.” (Professora E)

Assim sendo, fica visível o pouco conhecimento das professoras com relação à Lei abordada, ao mencionarem pouquíssimos aspectos nela presentes. Essa Lei é considerada importante para o desenvolvimento pedagógico do educador ao exercer a profissão, pois a mesma aponta a relevância de um conhecimento aprofundado sobre a questão étnico-racial existente em nosso país. A respeito dessa Lei, Rodrigues (2006, p.106 - 107) menciona:

A aprovação da lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394/96) e inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-

brasileira”, pode ser citada como um dos exemplos mais recentes dessas mudanças que elegem a educação como um espaço no qual a diversidade deve ser considerada e respeitada para uma aprendizagem mais efetiva, capaz de oferecer tanto às crianças e aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos introjetados na sociedade brasileira pela cultura racista na qual fomos socializados.

É importante que os educadores busquem conhecer mais sobre esta Lei, para que possam desenvolver um trabalho digno sem prejudicar nenhum educando, e sim, fazendo com que todos conheçam a relevância de pertencerem aos diferentes grupos raciais existentes no âmbito educacional.

A conscientização das pessoas para com o ser negro é necessária, mesmo porque esse deve ser um debate de toda a sociedade, mesmo porque esse deve ser um debate de toda a sociedade, mas a formação do professor é considerada fundamental para a desmistificação da imagem negativa do negro. Dependendo do conhecimento e do trabalho educativo do professor há diversas maneiras para se conseguir amenizar acontecimentos desrespeitosos. Silva (1995, p.106) menciona:

“A formação do professor é um dos elementos-chave na desestigmatização da imagem do negro; logo, estratégias e técnicas que facilitem a abordagem do tema, assim como o conhecimento de conceitos como os de etnocentrismo, cultura, relações interétnicas, minorias, aculturação, distúrbios de identidade e a dinâmica de dominação-subordinação que rege as relações entre os indivíduos numa sociedade multi-cultural e pluri-étnica devem compor o quadro teórico de sua formação.

- g) Quando perguntadas quais contribuições sugeriam para a realização de uma educação igualitária para todos

As propostas sugeridas pelas professoras pesquisadas para a obtenção de uma educação igualitária são bastante relevantes. Cabe ao professor exercer práticas educacionais satisfatórias. E vale ressaltar também que a

responsabilidade maior para se ter uma boa educação está voltada para o professor. Como algumas pesquisadas deixam explícito:

*“As escolas se preocuparem menos com a transmissão de conteúdos e ensinar para o aluno valores, ética e respeito.”
(Professora A)*

“Investir na formação do educador, dando-lhes a possibilidade de estudar e interpretar sobre a educação igualitária para todos.” (Professora C)

E é nesse sentido que Gomes (2006, p. 140) relata:

Faz-se necessário que o professor se proponha ao exercício cotidiano de revisão de seus conceitos, e ao questionamento de antigas idéias incorporadas, tendo sempre em mente que a educação de valores se dá muito mais pelas associações e introjeção que os alunos fazem de pequenos gestos, que assumem valor inestimável e marcam, definitivamente, e desde a infância, a subjetividade daqueles que no futuro tendem a repetir o que aprenderam dos mais velhos. É crucial que o professor se dê conta da importância não mensurável do processo educativo e socializador, que constrói os cidadãos e os seres humanos que definirão a sociedade que teremos.

Sendo assim, para haver uma educação igualitária é necessário que o educador tenha conhecimento de como trabalhar de maneira igualitária em sala de aula, sem fazer distinções entre os educandos pertencentes a grupos distintos, e esteja sempre em capacitação para que nenhuma situação desagradável passe despercebida. .

h) Ao serem perguntadas se acreditavam que o preconceito racial poderia chegar ao fim? Como?

É notória a veracidade das respostas das professoras pesquisadas, pois, sabemos que não se trata de uma tarefa fácil, conseguirmos abolir o preconceito racial, muitas batalhas serão travadas. É preciso unificar as forças positivas, da escola e sociedade, para que juntos possam conseguir aprimorar

a mentalidade das pessoas, e assim comecem a formar um novo conceito sobre o ser negro. De acordo com isso, algumas professoras abordam que:

“É uma luta muito difícil, mas se dermos as mãos para um só pensamento podemos quem sabe um dia realizarmos este sonho.” (Professora D)

“Para haver uma abolição definitiva do preconceito racial, seria preciso fazer em muitas mentes, uma lavagem cerebral, portanto, ainda torna-se muito difícil a história do preconceito ter um final feliz.” (Professora E)

E ainda nessa perspectiva, Silva (2005, p. 32 - 33) afirma:

É preciso entender que não se trata de simples rejeição a pensamentos, de mudanças de pontos de apoio para compreender fenômenos- no nosso caso, processos educativos-, mas de necessidade de nova mentalidade. A tentativa que fazemos, pois, vai na direção de relativizar, melhor dizendo, de romper com compreensões e significados tidos como homogêneos.

Nesse sentido, fica visivelmente notória a ausência de sensibilidade dos seres preconceituosos, esses agem sem nenhum ressentimento. Assim, é muito relevante que o professor enfatize a questão de um poder compreender o outro sem rejeição, mas é importante considerar que existem muitas dificuldades para que o preconceito racial seja eximido do contexto sociocultural. No entanto, debates, diálogos, entre outros métodos de comunicação, são relevantes para que possa haver um maior e melhor conhecimento/entendimento sobre a relevância do ser negro na sociedade. Assim, novos pensamentos, concepções e mentalidades surgirão com relação a tal questão.

- i) Com relação à pergunta que ações desenvolvem em sala de aula que contribua para diminuir o preconceito racial?

É relevante quando o professor presencie uma situação de preconceito racial, e trabalhe em cima disso, desenvolvendo práticas educativas para

amenizar tal situação e diminuir o preconceito existente. Cabe ao educador desenvolver uma prática educativa satisfatória e algumas professoras falam de forma bastante enriquecedora.

“A interação dos alunos em jogos, trabalhos em grupos, dinâmicas.” (Professora A).

“Desenvolvo documentários, mesa redonda e reflexões.” (Professora C)

“Eu costumo trabalhar os valores para despertar nos alunos o interesse de optar pela escolha do que é certo, conscientizá-los fazendo enxergar o que de fato é mais importante, a essência, o interior e ações que são refletidas e reconhecidas.” (Professora E)

Com base nessa expectativa, Jovino (2006, p. 78) relata:

Para que avancemos na construção de práticas educativas que contemplem o uno e o múltiplo, rompendo com a idéia de homogeneidade e uniformização que ainda impera no campo educacional, observo que precisamos entender a educação para além de seu aspecto institucional e compreendê-la dentro do processo de desenvolvimento humano.

A atitude coerente do professor ao trabalhar com situações preconceituosas é fundamental para o aluno vítima do preconceito, pois dependendo do posicionamento dele, diferente será a forma de reação do educando. Se for de maneira positiva, o aluno se sentirá mais forte para enfrentar o preconceito, mas se for de maneira negativa, isso dificultará mais ainda a realidade do ser que sofreu o preconceito.

- j) Por fim, ao serem perguntadas se desejam falar mais alguma coisa sobre esse tema?

A conscientização das pessoas para com o ser negro é importante, mas a formação do professor é considerada fundamental para a desmistificação da imagem negativa do negro. Dependendo do conhecimento e do trabalho

educativo do professor há diversas maneiras para o tratamento de tal fato. Algumas professoras abordam que:

“Não. Só desejo que um dia as pessoas se conscientizem de que não se julga uma pessoa pela sua cor e sim pelo seu caráter.” (Professora A)

“Nós como educadores, temos a obrigação de perceber as diferenças étnico-culturais sobre a nossa sociedade cruel e desumana.” (Professora C)

“Foi muito bom refletir um pouco sobre esse tema tão polêmico e ao mesmo tempo, tão presente diante de nós educadores, que temos em mãos, as armas para tentar amenizá-lo, a força, a coragem, a luta e o poder de linguagem e expressão.” (Professora E)

Assim, é notório o conhecimento que três das professoras pesquisadas têm em relação a identificar as diferenças existentes não só em sala de aula, como também na sociedade da qual fazemos parte, para que assim, possam agir de maneira satisfatória com seus educandos.

E nessa mesma perspectiva, Silva (1995, p.106) menciona:

A formação do professor é um dos elementos-chave na desestigmatização da imagem do negro; logo, estratégias e técnicas que facilitem a abordagem do tema, assim como o conhecimento de conceitos como os de etnocentrismo, cultura, relações interétnicas, minorias, aculturação, distúrbios de identidade e a dinâmica de dominação-subordinação que rege as relações entre os indivíduos numa sociedade multi-cultural e pluri-étnica devem compor o quadro teórico de sua formação.

Contudo, é notório o conhecimento que as professoras entrevistadas possuem com relação à relevância da formação do professor para trabalhar a questão étnico racial, pois um educador deve estar sempre atento aos acontecimentos ocorridos em sala de aula, buscando não deixar um ato preconceituoso passar despercebido. É a formação do educador e suas práticas que fazem toda diferença na hora de contribuir para amenizar o preconceito racial e conscientizar as outras pessoas sobre a importância do negro na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar identificar as práticas das professoras para trabalhar com o preconceito racial em sala de aula e as reações delas ao enfrentarem situações preconceituosas, foi um processo de descobrimento, pois quando se pensa uma coisa a respeito da questão étnico-racial, na realidade, muitas vezes é totalmente diferente.

Essa pesquisa foi muito gratificante, pois como houve um grande interesse em pesquisar sobre o preconceito racial, muita dedicação e curiosidade estavam envolvidas, e assim, muitos conhecimentos surgiram, enriquecendo cada vez mais os que já possuíam em relação à questão étnico-racial.

Uma questão notória na pesquisa foi a necessidade de que as professoras entrevistadas obtenham um conhecimento mais aprofundado com relação à Lei nº 10.639/2003, a qual torna obrigatório trabalhar a história e cultura africana e afro-brasileira em toda instituição escolar. Vimos que poucas professoras dizem conhecer a referida Lei e assim, essas possuem conhecimentos sucintos com relação à mesma e menos ainda sobre a Lei 11.645/2008, que complementa a anterior.

Assim, considera-se a relevância das professoras pesquisadas buscarem se aprofundar e aprimorarem seus conhecimentos com relação à Lei mencionada, pois é preciso que o educador esteja com um suporte teórico enriquecedor, para assim poder agir satisfatoriamente em sala de aula.

Outra questão que vale ser também ressaltada é com relação ao preconceito e ao racismo, pois dentre as professoras pesquisadas, uma relatou que preconceito e racismo são a mesma coisa. Sendo assim, considera-se que tal educadora busque novos conhecimentos, com relação ao que não conhece e assim possa contribuir satisfatoriamente para ampliar a compreensão dos seus educandos com relação ao respeito à diversidade racial e cultural dos grupos sociais existentes.

Com todas as dificuldades enfrentadas para a realização dessa pesquisa, as quais dizem respeito até mesmo à omissão de algumas professoras para responderem as perguntas sugeridas, essa foi uma pesquisa

enriquecedora para mim, e muitos conhecimentos tornaram-se valiosos e gratificantes.

Contudo, ressalto que esse trabalho monográfico deu-se de forma muito gratificante e espera-se que possibilite aos professores, de forma geral, um repensar de suas práticas relacionadas ao trabalho com o tema étnico-racial em sala de aula, buscando agir de maneira igualitária e não deixando espaço para que o preconceito prevaleça, proporcionando também a tomada de posição dos educadores em relação à diversidade étnico-racial.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001;

GOMES, Ana Paula Pereira. **Respondendo a perguntas de professores da rede pública sobre a questão racial**. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ITANI, Alice. **Vivendo o preconceito em sala de aula**. In AQUINO, Julio Groppa **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

JOVINO, Ione da Silva. **Diversidade e Juventude: Considerações sobre escola e práticas culturais juvenis** in: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

LIMA, Maria Nazaré Mota (org.). **Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professoras em história e cultura afro-brasileira e africana**. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**/Maria Marly de Oliveira. 2 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Movimento negro e o direito à diferença**. In ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

SILVA, Consuelo Dores. Negro, qual é seu nome? Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania** in ABRAMOWICZ, Ane; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Afirmando diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** – Rio de Janeiro: Edições Graai, 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Termo Livre de Consentimento para as professoras participe da pesquisa

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa

_____, Sob a responsabilidade da pesquisadora _____, e desenvolver uma pesquisa nesta instituição _____ cidades de _____.

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE Campus Cajazeiras, pelo telefone (83) 35322088, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/HUAC, na Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campinha Grande – PB, telefone (83) 2101-5545.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar – Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – Modelo do questionário aplicado as professores investigadas

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação

Gênero: _____

Formação Acadêmica: _____

Há quanto tempo leciona: _____

Perguntas

1. Para você, o que é preconceito racial?
2. Você considera que ainda existe o preconceito racial? Comente.
3. Já aconteceu alguma situação de preconceito em sua sala de aula?
Como reagiu? Justifique.
4. Você acha que o desenvolvimento intelectual de um aluno está relacionado à sua cor de pele? Por quê?
5. Qual é o papel do professor na formação dos alunos para evitar o preconceito em sala de aula?
6. Você conhece a Lei 10.639/2003 a 11.645/2008?
7. Que contribuições você sugere para a realização de uma educação igualitária para todos?
8. Você acredita que o preconceito racial pode chegar ao fim? Como?
9. Que ações você desenvolve em sala de aula que contribua para diminuir o preconceito racial?
10. Deseja falar mais alguma coisa sobre esse tema?